

PROGRESSO REVISITADO NA FICÇÃO CIENTÍFICA DA DUOLOGIA *MONK AND ROBOT*, DE BECKY CHAMBERS

JADE BUENO ARBO¹; EDUARDO MARKS DE MARQUES²

¹Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – jade.arbo@ufpel.edu.br

²Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – eduardo.marks@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Por sua natureza híbrida, o gênero “ficção científica” é difícil de ser definido. Como coloca David Seed (2011), seu entendimento como “gênero” se mostra, na verdade, problemático, pois não permite reconhecer esse hibridismo que promove. Para Seed (2011), é mais útil entender a ficção científica como “um método ou um campo onde diferentes gêneros e subgêneros se interseccionam” (p. 1, tradução nossa).

Esse hibridismo é visto em ficções científicas que lançam mão de tropos da utopia - *Fundação*, de Isaac Asimov -, da distopia - *1984*, de George Orwell, ou que fazem uso do formato do romance epistolar ou de narrativas de viagem - ambos articulados em *Frankenstein*, de Mary Shelley, obra fundante da ficção científica, e o segundo enfatizado também em obras como *O Coração das Trevas*, de Joseph Conrad e *2001: Uma Odisseia no Espaço*, de Arthur C. Clarke. No entanto, esse caráter híbrido vai além da combinação de gêneros, tendências e tropos literários em um mesmo campo: a ficção científica possibilita encontros discursivos que trazem para seu interior discussões presentes na filosofia, na antropologia, nas ciências, constituindo-se, como colocou de forma interdisciplinar.

A Ficção Científica ganha centralidade no âmbito das discussões sobre o progresso e o saber científico, apresentando diferentes visões desse tema que respondem às questões de seu presente. Asimov celebra a inovação e a ciência, colocando a tecnologia como a solução maior para os problemas da humanidade, por exemplo, enquanto obras como *Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley, alertam para as consequências negativas de uma visão de progresso atrelada a uma maior produção de bens de consumo e tecnologias que tornam a vida mais “eficiente”.

Compreender a ficção científica como esse método híbrido de realizar encontros, de interseccionar gêneros, visões e discursos, se faz útil ao presente trabalho, que se configura em um recorte da tese em andamento cujo objetivo é explorar as capacidades da ficção científica para expandir nosso imaginário ético-político, e de nos mostrar novas formas de organização social, novas formas de existência, para que possamos, nas palavras de Donna Haraway (2016), “viver e morrer bem uns com os outros” (p. 1, tradução nossa).

Trataremos, no âmbito deste trabalho, da forma como a ideia de progresso se manifesta na duologia *Monk and Robot*, de Becky Chambers, composta pelas duas novelas *A psalm for the wild-built* (2021) e *A prayer for the crown-shy* (2022). É nossa hipótese que o universo retratado por Becky Chambers na narrativa em questão representa uma revisão e subversão da ideia de progresso, propondo um progresso em outros termos, com outros valores que guiam o que é considerado um avanço e o que é considerado retrocesso.

2. METODOLOGIA

Para a realização da análise a que se propõe o presente trabalho, olharemos para a duologia *Monk and Robot* a partir da abordagem da epistemóloga e filósofa da ciência Donna Haraway. Para ela, uma das formas mais potentes de teorização que “permanece com o problema”, ou seja, que é capaz de lidar com os conflitos e com as contradições de nossos tempos, é o que ela chama de “SF”

“SF” é uma sigla para “*Science Fiction*” (ficção científica), mas que, para Haraway, se torna um amálgama de estratégias de pensar: ficção científica é também fabulação especulativa, feminismo especulativo, fato científico, e o que, em inglês, ela se refere como “*string figures*”, e que é possível de ser traduzido como “cama de gato”, um convite

Esse jogo de quebra-cabeça que utilizamos um barbante e as nossas mãos é, para Haraway, um convite à continuidade e à interdependência: cria-se uma figura e estende-se as mãos, e essa extensão exige uma resposta; uma resposta baseada naquelas formas que foram entregues, e que são sempre transformadas nas mãos de outra pessoa.

A partir dessa concepção de ficção científica como metodologia, como forma de pensar, e como forma de pensar em continuidade e em resposta a outras especulações, nossa leitura de *A psalm for the wild-built* (2021) e *A prayer for the crown-shy* (2022) buscará destacar o modo como a construção do universo da duologia *Monk and Robot* não apenas descreve um mundo, mas, através dessa descrição, teoriza sobre o nosso presente, sobre o nosso passado e sobre o nosso futuro, bem como propõe novos arranjos possíveis, expandindo o nosso imaginário sobre os caminhos que o progresso deve tomar.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Cenário da duologia *Monk and Robot*, Panga é uma lua hoje verdejante, com um único continente e que carrega uma grande mácula em sua história: “a era das fábricas”. Durante esse período, as fábricas funcionavam durante todas as 20h do dia de Panga, através da mão de obra automatizada pelo uso de robôs, até que um dia esses robôs adquiriram consciência e decidiram deixar a sociedade humana. Pelo trabalho constante das fábricas, o planeta chegou à beira do colapso. Após o Despertar e a partida dos robôs, instaurou-se o período de transição, e o único continente de Panga foi dividido ao meio. 50% para o uso humano, e os outros 50% permaneceriam intocados pela humanidade.

A narrativa se passa séculos depois do Despertar das Máquinas, e nós seguimos Dex e seu amigo robô Mosschap em uma jornada pelos vilarejos e povoados dessa lua, e somos apresentados ao funcionamento da vida em Panga após a Era das Máquinas e como a sociedade repensou sua forma de viver e sua relação com o progresso e com o conforto.

Dex viaja em uma ox-bike, uma bicicleta elétrica onde tanto a máquina quanto a pessoa trabalham em conjunto para movê-la. Não existem mais carros, gasolina ou asfalto: recursos derivados de petróleo deixaram de ser uma realidade e foram completamente substituídos por energia fotovoltaica e outras soluções sustentáveis.

Recursos impressos são raros. Livros e documentos escritos são todos consumidos através de um computador de bolso que é feito para durar uma vida inteira e ser consertado quando necessário, ao invés de trocado. Da mesma

forma, para os habitantes de Panga, nenhum objeto é descartável: o cuidado aplicado aos membros da comunidade é também estendido aos bens materiais e tudo o que se utiliza é valorizado. Quando se faz necessário substituir um objeto ou adquirir algo novo, eles são confeccionados conforme a demanda, seja por artesãos, seja por impressores¹ espalhados nos vilarejos maiores.

O comércio é realizado tanto através da de objetos em si quanto pela troca de créditos chamados de “*digital pebbles*”, ou “*pebs*”. Esses créditos não são equivalentes a dinheiro, e sim uma forma de medir a contribuição de uma determinada pessoa para com a sua comunidade e a gratidão dos outros pelo seu trabalho. Aqui, a “pobreza”, a falta de *pebs*, toma outro significado:

Ninguém deveria ser barrado das suas necessidades e confortos apenas porque não têm o número certo ao lado do seu nome. (...) Todo mundo tem um balanço negativo às vezes, por vários motivos. E tudo bem. Faz parte do ritmo das coisas. Mas se alguém tem um saldo negativo muito grande... bem, isso quer dizer que eles precisam de ajuda. Talvez estejam doentes. Ou emperrados em um mesmo lugar. Talvez algo esteja acontecendo em casa. Ou talvez seja apenas um desses momentos em que as pessoas precisam que os outros as carreguem por um tempo. (...) Se eu visse um amigo que estivesse muito no vermelho, eu faria questão de ver se está tudo bem. (CHAMBERS, 2022, s/p. tradução nossa).

Dessa forma, ninguém acumula mais do que precisa e ninguém é penalizado por não conseguir contribuir. A cultura da escassez aqui é substituída por uma cultura de abundância, mas não uma abundância exagerada: através de uma organização social que tem o cuidado e a interdependência em mente, é possível que os recursos sejam produzidos a partir das possibilidades e necessidades de cada pessoa.

Isso também é observado na forma como as cidades e vilarejos se organizam. Na única grande cidade dessa lua, as necessidades alimentares são, em sua maioria, supridas pelo cultivo de alimentos em fazendas verticais ou por pomares em telhados verdes. O transporte se dá a pé, de bicicletas elétricas fotovoltaicas e, para distâncias mais longas, monotrilhos magnéticos.

As cidades-satélites que circundam a capital colaboram para produzir alimentos e recursos para essa cidade maior e são organizadas, geralmente, em três anéis: No anel externo estão as terras para cultivo, onde a policultura garante que as diferentes plantas cultivadas, na descrição de Dex, “trabalham em conjunto para criar uma química mágica no solo” (CHAMBERS, 2021, p. 20). O anel residencial tem casas que abrigam famílias individuais ou coletivas, de acordo com a preferência de quem “faz parentes”, para usar os termos de Haraway (2016) nessa sociedade de forma diversa. O anel central abriga o coração das cidades, o mercado, repleto de encontros, trocas e “deleites agrários” (CHAMBERS, 2021, p. 21) vindos do cultivo das terras reservadas ao uso humano.

Nos assentamentos florestais, é estabelecida uma relação de cuidado e respeito com o solo, fazendo com que as pessoas usem de sua engenhosidade

¹ No primeiro livro da duologia, vemos Dex se referir a “*printers*”, que pode ser lido como o objeto “impressoras”. No segundo livro, vemos que “*printers*”, na verdade, faz referência não a impressoras 3D, mas aos artesãos e artesãs que, por vezes, se utilizam dessa tecnologia para fabricar os objetos necessários à comunidade sob demanda.

para projetar suas vidas de forma a limitar ao máximo seu impacto naquele ambiente.

O solo da floresta (...) é uma coisa viva. Vastas civilizações residem nesse mosaico de terra (...). Era ali que você encontraria a engenhosidade da decomposição, a plenitude dos fungos. Perturbar essa vida através da escavação era uma violência - embora às vezes necessária, como demonstrado pelos pássaros e gambás que empurravam, impetuosos, o húmus fora do caminho em busca de uma barriga cheia. Ainda assim, os residentes humanos eram bastante judiciosos quanto ao que constituía uma verdadeira necessidade, e, assim, perturbavam o solo o mínimo possível.” (CHAMBERS, 2021, p. 26, tradução nossa)

Os assentamentos florestais existem, por isso, acima do solo, em casas penduradas nas árvores, construídas com madeira recuperada ou de árvores caídas.

Vemos assim um mundo que repensou sua forma de vida de maneira diferente. Chambers dá, em *Monk and Robot*, continuidade à discussão sobre tecnologia e progresso que é característica da Ficção Científica como forma de pensar. Ela faz SF – ficção científica e chama de gato –, formando novas imagens a partir das imagens e possibilitando que repensemos o progresso a partir de outros valores e outras medidas.

4. CONCLUSÕES

Através das descrições de como a tecnologia é (re)pensada em Panga a partir do cuidado, do respeito e da judiciosidade, vemos que o critério para a avaliação daquilo que é ou não considerado progresso é revisitado e subvertido. Se em um pensamento antropocêntrico o progresso é medido com centralidade na vida e no conforto humanos, em Panga vemos o progresso ser julgado a partir do quão harmoniosamente o humano convive com o não humano. Se de acordo com uma racionalidade capitalista o progresso é medido a partir do sonho de evolução e crescimento constantes, em Panga podemos ver a valorização da “involução” e do “descrescimento” tecnológico a partir de um repensar das coisas que consideramos realmente necessárias à sobrevivência e ao bem-viver humano e mais-que-humano.

A descrição de uma sociedade outra, na qual o progresso é ressignificado, forma imagens e imaginários úteis para se pensar os desafios materiais de se permanecer com o problema em um mundo, como o nosso, em colapso.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHAMBERS, Becky. **A psalm for the wild-built**. New York: Tordotcom, 2021.

CHAMBERS, Becky. **A prayer for the crown-shy**. New York: Tordotcom, 2022.

SEED, David. **Science fiction: a very short introduction**. Oxford; New York: Oxford University Press, 2011.

HARAWAY, Donna. **Staying with the trouble: making kin in the Chthulucene**, Durham: Duke University Press, 2016.